

Apoio sem dinheiro novo

Bancos declaram confiança no país a Malan e Armínio mas não liberam recursos

Toni Marques e Katia Luane

NOVA YORK e RIO

Depois de uma reunião que durou mais de três horas com o ministro da Fazenda, Pedro Malan, e o presidente do Banco Central, Armínio Fraga, 16 dos principais bancos estrangeiros que operam no Brasil, entre os quais o Citigroup e o FleetBoston, divulgaram ontem uma declaração genérica de apoio ao país, na qual afirmam a intenção de manter o nível geral de negócios no Brasil, incluindo as linhas de comércio exterior.

A declaração foi considerada por Malan e Armínio uma reiteração do compromisso de longo prazo com o Brasil e o apoio ao programa econômico do país. O ministro e o presidente do BC acreditam que a manifestação de apoio contribuirá para acalmar os mercados, embora reconheçam que não é suficiente para mudar o cenário.

— Eu disse que não esperassem que o encontro mudasse tudo. São processos de restabelecimento da confiança no Brasil — disse Malan.

— A declaração confirma o apoio dos bancos mais importantes para o Brasil — disse Armínio.

A promessa das instituições de que vão manter as linhas comerciais foi muito bem recebida pela equipe brasileira. Em julho, as instituições financeiras internacionais renovaram apenas 27% das linhas comerciais, contra 89% renovadas em abril.

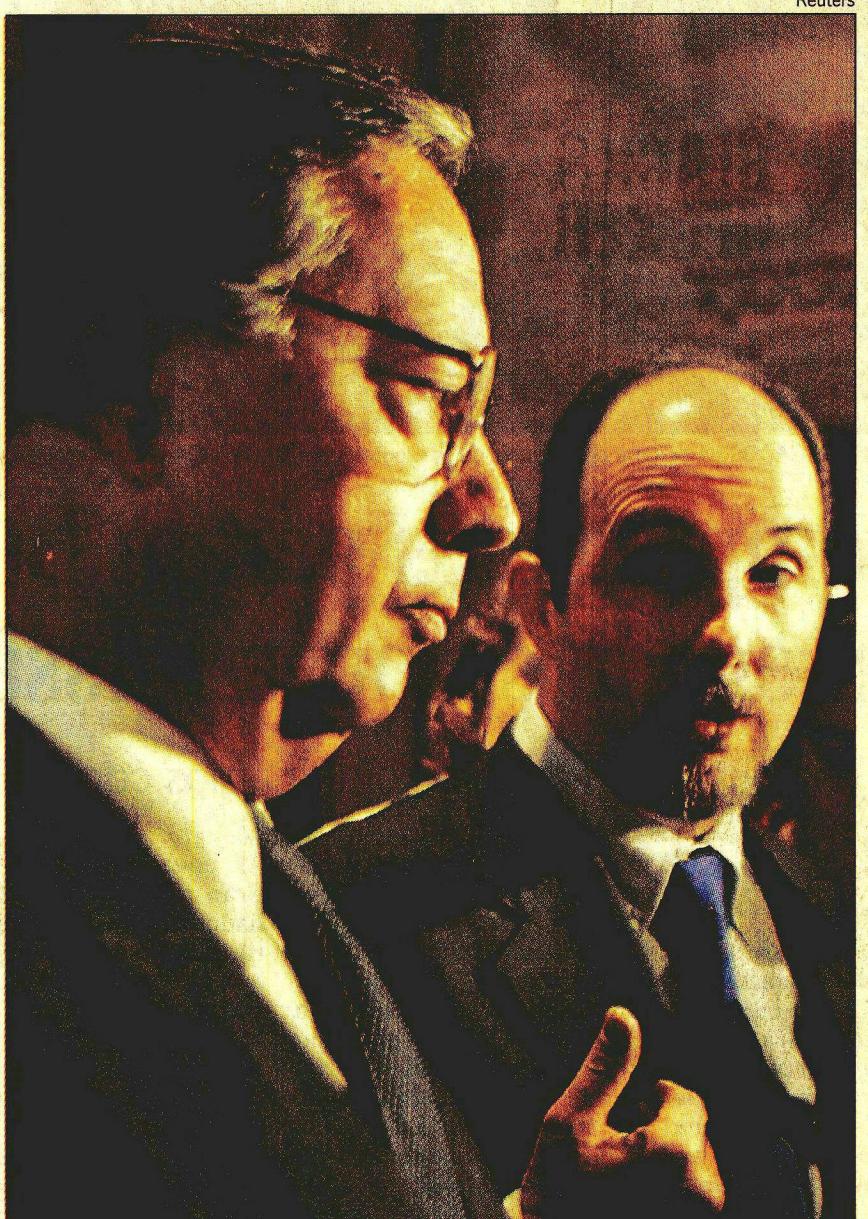
— Temos indicações de que há bancos que estão considerando fazer mais, mas serão decisões individuais, e cada banco terá de falar por si — disse Armínio Fraga.

Mercado vê sinal positivo dos bancos

• O presidente do BC acrescentou que o Brasil se adaptou à situação de escassez de linhas no passado.

— Mas nós queremos mais. Isso virá com a recuperação da confiança; não se deve esperar dessa reunião, por si só, a solução para todos os nossos problemas, mas certamente este foi um passo muito importante.

Lorenzo Pérez, diretor-assistente do Departamento do Hemisfério Ocidental do Fundo Monetário Internacional (FMI), William McDonough, presidente do Federal Reserve (Fed) em Nova York, e Terrence Checki, vice-presidente executivo do Fed e diretor do Depar-



Reuters

MALAN E ARMÍNIO: importância do primeiro passo para recuperação do crédito

tamento de Mercados Emergentes do banco, também participaram da reunião.

Na prática, o mercado brasileiro não esperava nenhum resultado contundente do encontro.

— Tudo o que o mercado espera é algo que sirva como pano de fundo para o futuro — confirmou o economista da BBA Corretora, Andrei Spacovi.

— Se houver renegociação de parte das linhas será muito bom, porque dará margem de manobra — diz o analista financeiro do Banco Prosper, Gustavo Alcântara. O problema, observa, é que todas as contas que são feitas em torno dos próximos vencimentos de dívida se aproximam dos limites de caixa do próprio país e das empresas.

De acordo com o gestor de recursos externos do Bank Of America Asset Management, José Alfredo da Justa, até o fim do ano o Brasil terá

de pagar cerca de US\$ 17 bilhões de dívida privada e de juros e amortizações de empréstimos contratados pela União.

— Se a rolagem for zero, dá para pagar, mas o Brasil terá que renegociar o mínimo de reservas líquidas com o FMI — pondera. Pelo último acordo com o Fundo, o país precisa manter um mínimo de US\$ 5 bilhões em reservas.

— Ninguém gosta de trabalhar no limite — completa Alcântara.

Para os analistas, a ausência de novas linhas para o Brasil não provocará mais turbulência no mercado.

— Há o consenso de que isso somente ocorrerá quando o risco-país cair. O importante são as linhas não desaparecerem — afirma o economista Carlos Thadeu de Freitas.

Risco-país é quanto de juros empresas e governo brasileiros pagam acima dos títulos americanos para obter empréstimos no exterior.